



RÁDIO, MEMÓRIA E CIDADE

por José Eugenio de Oliveira Menezes¹

Resumo/Abstract: Considerando que uma das características do espírito do nosso tempo é o excesso de imagens visuais e que, segundo Dietmar Kamper, uma nova época de audição está anunciada, o autor analisa a função das emissoras de rádio no cultivo da memória dos habitantes das grandes cidades. O espírito do nosso tempo, marcado por pólos que articulam velozmente as experiências globais e locais, manifesta-se também nos nexos entre os sons veiculados pelo rádio e os que marcam a interação face a face.

¹ José Eugenio de Oliveira Menezes é mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Pesquisador-Docente do CIP - Centro de Pesquisas da Faculdade Cásper Líbero. Doutorando em Ciências da Comunicação na ECA/USP. Integra a Diretoria do CISC - Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia.





O rádio brasileiro completou oitenta anos. Às vinte e uma horas do dia sete de setembro de 1922, ano do primeiro centenário da Independência e da Semana da Arte Moderna, o discurso do presidente Epitácio Pessoa foi ouvido tanto nas dependências da Exposição do Centenário, no Rio de Janeiro, como também, através de uma estação transmissora, nas cidades de São Paulo, Petrópolis e Niterói, onde estavam instalados oitenta aparelhos receptores².

Como existem poucos documentos sobre o destino dos equipamentos que a Western Electric utilizou na primeira transmissão e também poucas informações sobre o uso que os Correios e Telégrafos fizeram com os mesmos sob a denominação de Estação do Sumaré (SQE), os historiadores consideram a Sociedade Rádio do Rio de Janeiro, fundada por iniciativa de Edgard Roquette-Pinto e de Henrique Morize, como a primeira estação de rádio no Brasil a realizar transmissões regulares a partir do dia primeiro de maio de 1923. Nos debates sobre a história do rádio existe também a reivindicação dos pesquisadores que consideram a Rádio Clube de Pernambuco³, instalada em Recife, como a primeira

² O radialista Reynaldo C. Tavares apresenta um depoimento de Roquette-Pinto na obra *Histórias que o rádio não contou*. "A verdade é que durante a Exposição do Centenário da Independência, em 1922, muito pouca gente se interessou pelas demonstrações experimentais de radiotelegrafia, então realizadas pelas companhias norte-americanas Westinghouse, na Estação do Corcovado, e Western Electric, na Praia Vermelha". Tavares, Reynaldo C. *Histórias que o rádio não contou*. São Paulo, Harbra, 1999.p. 51.

³ Um anúncio publicitário da Asserpe, Associação das Empresas de Radiodifusão de Pernambuco, enfatiza: "Quando o carioca ligou o rádio, Pernambuco já estava na onda". "Em 06 de abril de 1919, operando com o prefixo PRA-8, foi instalada no Recife a primeira emissora de rádio do Brasil. Formada por um grupo de amadores em radiotelegrafia e liderada pelo pesquisador e radioeletricista Augusto Pereira, a Rádio Clube de Pernambuco tem seu pioneirismo comprovado em vasto material documentado na Fundação Joaquim Nabuco, no Recife. Significa que, quando a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi inaugurada, em 1923, Pernambuco já estava na onda do Rádio". *Jornal Meio&Mensagem Especial*, 9 de setembro de 2002. p.23.





emissora registrada juridicamente, em seis de abril de 1919, como Clube de Recepção de Radiotelegrafia e depois, em outubro de 1923, como Rádio Clube.

Se o debate a respeito dos oitenta anos de rádio no Brasil é marcado por uma polêmica sobre qual foi a primeira emissora, a invenção do rádio é um outro tema que permanece em aberto. Depois do físico escocês James Clerk Maxwell lançar a teoria de que uma onda luminosa podia ser considerada como uma "perturbação eletromagnética que se propaga pelo espaço"⁴, o físico alemão Heinrich Rudolf Hertz colocou em prática a teoria e constatou, em 1887, que as ondas eletromagnéticas - depois chamadas ondas hertzianas - viajavam com a mesma velocidade da luz. Coube ao italiano Guglielmo Marconi descobrir o princípio de funcionamento das antenas e enviar mensagens pelo espaço, em 1896. No Brasil, Roberto Landell de Moura realizou uma experiência semelhante, em Campinas, em 1892. Quatro anos antes de Marconi, o jesuíta brasileiro, "utilizando uma válvula amplificadora, de sua invenção e fabricação, com três eletrodos, transmitiu e recebeu a palavra humana através do espaço"⁵.

Em 1894 Landell de Moura fez uma demonstração cobrindo a distância de oito quilômetros em linha reta entre a Avenida Paulista e Santana. A experiência não foi bem aceita: as autoridades religiosas passaram a transferir o jesuíta de uma cidade para outra

⁴ No terceiro capítulo da obra citada, Reynaldo C. Tavares analisa o Rádio como invento e propõe a questão sobre como tudo começou: Marconi ou Landell de Moura? Tavares, Reynaldo. *Histórias que o rádio não contou*. São Paulo, Harbra, 1999. p. 19.

⁵ Tavares. Obra citada. p. 22. No campo da fotografia, o brasileiro Hércules Florence conseguiu gravar uma imagem em 15 de fevereiro de 1833, na Vila de São Carlos, atual Campinas, cinco anos antes da data oficial da invenção da fotografia pelos franceses Daguerre e Niepce, em 1839. Entrevista com Erivam de Oliveira, pesquisador da ECA/USP, realizada em 26 de setembro de 2002.





até removê-lo para Porto Alegre⁶. Seus laboratórios várias vezes foram destruídos pela população e foi chamado de impostor, mistificador, louco, feiticeiro, bruxo, herege e construtor de "máquinas infernais".

Máquinas infernais

Aqueles que destruíram os laboratórios de Landell de Moura expressaram, sem querer, uma das dimensões que marca a importância do rádio. Máquinas infernais foram os termos utilizados pelos primeiros brasileiros que observaram a experiência da transmissão de palavras e de outros sons. Máquinas no sentido de aparelhos ou instrumentos para comunicar movimentos ou para aproveitar e pôr em ação agentes naturais. Infernais no sentido mitológico de inferno como, para os gregos, lugar subterrâneo onde estariam as almas dos mortos ou, para a tradição cristã, lugar destinado ao suplício eterno das almas dos condenados.

Através das palavras "máquinas infernais", expressas no texto escrito e também na leitura do mesmo, criamos um conjunto de imagens. Nossa imaginação cria um conjunto de cenas nas quais podemos observar, por exemplo, o laboratório do jesuíta Roberto Landell de Moura, um conjunto de fios, vários equipamentos, pessoas que ouvem a transmissão, pessoas que invadem o local, pessoas que quebram os equipamentos, os fofoqueiros contando o ocorrido, a reação do padre e outras cenas.

Se na mente de cada um de nós os sons da narrativa sobre Landell de Moura geram um conjunto de imagens, sabemos que muito maior é o poder de geração de imagens de uma

⁶ No Brasil, Landell de Moura registrou a patente 3.279 para um "aparelho apropriado à transmissão da palavra à distância, com ou sem fios, através do espaço, da terra e da água". No período de três anos em que residiu em Nova York, em 1904 registrou três patentes: número 771.917 para o transmissor de ondas, número 775.337 para o telefone sem fio e número 775.846 para o telégrafo sem fio.





emissora de rádio. Trata-se do que Harry Pross⁷ denominou economia dos sinais: na medida em que dispomos de meios técnicos por parte de um emissor e de muitos receptores, economizamos energia e atingimos um maior número de pessoas com tudo o que isso acarreta de ampliação dos processos de interação, informação ou dominação.

As máquinas infernais apontam para criação de imagens. Na linguagem popular quem cultiva o ócio, acaba imaginando coisas; quem não se ocupa, se preocupa em pensar bobagens; ou ainda, conforme o ditado bem conhecido, "a mente vazia é oficina do diabo".

Quando falamos em imagens logo nos lembramos da história das primeiras inscrições rupestres até as imagens da televisão. Como estudiosos da comunicação, começamos a observar a importância das imagens geradas tanto nas interações face a face, que Pross chama de mídia primária, como aquelas geradas pelo uso das mídias eletrônicas, chamadas mídias terciárias.

Os sons que geram sensações e imagens de desamparo ou segurança, na relação entre a mãe e o feto, nos desafiam a observar com maior atenção o desenvolvimento ontogenético dos bebês. Sons do coração da mãe, sons dos diversos sistemas e órgãos maternos e, principalmente, o choro que marca o momento do nascimento, como encontramos nas pesquisas realizadas por Maria do Carmo de Oliveira⁸.

⁷ O conceito de Economia dos Sinais, desenvolvido por Harry Pross, pode ser encontrado em Pross, Harry e Romano, Vicente. *Atrapados en la red mediática. Orientación en la diversidad*. Hondarribia, Argitaletxe Hiru, 2000.

⁸ "O nascimento deveria ser definido como momento inaugural de toda comunicação social. O momento da criação de vínculos de linguagem entre o bebê e a mãe será a matriz primeira da complexa comunicação social". Oliveira, Maria do Carmo. *A comunicação do recém-nascido de 0 a 5 horas: a respiração*. São Paulo,





Como sabemos, especialmente a partir de Ahsley Montagu⁹, durante a gestação a contração do útero sobre o corpo do feto estimula os nervos periféricos sensoriais localizados na pele. Nessa linha, Baitello lembra que "a recepção de todo som se dá não apenas por um pedaço de pele chamado tímpano, mas por toda a pele" e que, como o som é uma vibração sobre a pele, "toda voz e todo som é um tipo de massagem, uma estimulação tátil, uma massagem sutil"¹⁰.

Lembramos dos sons que marcam a interação mãe / feto e do choro dos bebês para percebermos mais atentamente uma das funções do rádio: sons que embalam, que transmitem segurança ou desamparo, que atingem toda nossa pele, que nos possibilitam perceber que estamos vivos e vinculados a outras pessoas próximas ou distantes. Sons, geradores de imagens, que possibilitam a relação com os tempos e os espaços dos outros, ou melhor, que permitem a vinculação entre diferentes corpos, a comunicação ou ponte entre espaços distintos, a sincronização que permite a organização social.

Máquinas infernais, máquinas vinculadoras

Quando falamos do papel sincronizador¹¹ tanto da vinculação face a face como da vinculação através de uma mídia terciária como o rádio, não nos referimos apenas à agilização do tempo no movimento das pessoas e automóveis na cidade, informações

PUC/SP, 1995. Dissertação de Mestrado. Conferir também: Baitello Jr, Norval. Comunicação, Mídia e Cultura. In: Revista São Paulo em Perspectiva, 12 (4), 1998. p.11 a 16.

⁹ Montagu, Ahsley. Tocar. O significado humano da pele. São Paulo, Summus, 1998. p.72

¹⁰ Baitello Jr, Norval. "A cultura do ouvir". In: Zarembo, Lilian e Bentes, Ivana. Rádio Nova: constelações da radiofonia contemporânea 3. Rio de Janeiro, UFRJ-ECO / Publique, 1999. p. 61.

¹¹ "De acordo com Harry Pross, a função primordial da mídia é a de sincronizadora de uma sociedade". Baitello Jr, Norval. O animal que parou os relógios. São Paulo, Annablume, 1997. p. 162.





sobre clima, gestão política ou entretenimento. Nos referimos principalmente a uma forma, também ritual, de se lidar com o passado comum e com o futuro comum; os meios praticamente lembram o que devemos resgatar do passado, nos inserem num presente comum e nos impulsionam para um futuro tanto da nossa aldeia como da aldeia global. Não tratamos apenas do tempo físico medido pela biologia e pela astronomia, mas especialmente daquilo que devemos recordar e daquilo que podemos sonhar para o futuro. Percebemos as imagens dos rituais apresentados pelas emissoras de rádio: datas e horários são lembrados a cada momento; fatos históricos são revividos com jingles, canções da época ou entrevistas; o passado invade o presente e projeta o futuro. Ou, nas palavras do arquiteto francês Paul Virilio, não temos uma representação do mundo, mas especialmente uma apresentação do mundo.

Um exemplo dessa relação entre passado e presente pode ser encontrado na ênfase que os apresentadores das emissoras dão ao presente como tempo verbal e a uma curiosidade relatada por Milton Pelegrini, da agência Estado: "Estávamos preparando as chamadas para o portal do Estado do dia 21 de março de 2001 quando, consultando uma base de dados, observamos que daríamos as mesmas notícias de dez anos atrás: Cavallo vai dolarizar a economia, foi a notícia veiculada durante o governo Menen. Busch autoriza ataque a Bagdá foi a notícia apresentada durante o governo do pai do atual presidente dos Estados Unidos". A mídia permite estar presente e no presente trabalha com o passado e o futuro.

Nesse contexto também podemos citar o jornalista Leão Serva, que atuou como correspondente de guerra do jornal Folha de São Paulo na ex-Iugoslávia. Dialogando com Dietmar Kamper, Serva enfatiza que "a atualização dos fatos do passado lhes devolve a força e a realidade numa espécie de repetição paradoxal, em que fatos do passado são





lidos por suas semelhanças com fatos do presente, como se fossem atuais, como se ambos fossem sincrônicos"¹².

Nesse sentido, podemos dizer que os aparatos emissores e receptores do rádio funcionam como máquinas infernais. Máquinas que atualizam e repetem os fatos, geram imagens e nos mantêm sintonizados nas mais diversas imagens da nossa cidade e do planeta. Infernais, porque lembram nossa memória mais arcaica no momento que sintonizamos uma emissora para, por exemplo, disfarçar a solidão ou nosso eventual inferno interior.

Retomando as imagens mais antigas podemos lembrar a organização do inferno ou império dos mortos, da tradição grega, na leitura de Junito de Souza Brandão. O mitólogo lembra que Cérbero, o cão de Hades, era um dos monstros que guardava o império dos mortos. "O Cão de Hades representa o terror da morte; simboliza os próprios Infernos e o inferno interior de cada um. É de se observar que Hércules o venceu, usando tão-somente a força de seus braços e que Orfeu, por uma ação espiritual, com os sons irresistíveis de sua lira mágica o adormeceu por instantes"¹³.

Máquinas infernais, com sons encantadores, tais como Orfeu e sua lira mágica, podem acalmar também o inferno interior de cada ouvinte e oferecer algum sentido no momento em que sintonizar significa também vincular ao tempo dos outros, participar da vida da sociedade.

As máquinas infernais e a cultura do ouvir

¹² Serva, L. Jornalismo e Desinformação. São Paulo, Senac, 2001. p.107. A idéia de repetição paradoxal dos fatos foi desenvolvida por Dietmar Kamper na conferência "O tempo como repetição paradoxal", ministrada para pesquisadores do CISC, Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, em 1996.

¹³ Brandão, Junito de Souza. Mitologia Grega I. Petrópolis, Vozes, 1991. p. 243.





Como sabemos, as imagens geradas durante a emissão ou recepção das emissoras de rádio são diferentes das imagens que recebemos prontas nas revistas, nos grandes anúncios publicitários e especialmente na televisão. O rádio, como já observamos, exige maior criação de imagens, favorece, estimula e exige a geração de cenas¹⁴. A televisão apresenta as imagens de forma praticamente pronta: ficamos parados diante das imagens e esperando novas imagens.

Essa distinção entre o rádio e a televisão já foi feita pelo canadense Marshall McLuhan em sua obra *Understanding Media*. Recordando a apresentação do romance de ficção científica *A Guerra dos Mundos*, do inglês Herbert George Wells, na voz de Orson Welles nas emissoras da CBS¹⁵, na noite do domingo trinta de outubro de 1938, McLuhan afirmou: "A famosa emissão de Orson Welles sobre a invasão marciana não passou de uma pequena mostra do escopo todo inclusivo e todo envolvente da imagem auditiva do rádio"¹⁶.

¹⁴ Leão Serva considera um velho mito afirmar que a "televisão é mais pobre de imaginação porque redundante a banda sonora com a imagem, enquanto o rádio permite dar asas à imaginação". Serva lembra que o mito esbarra na comparação com o cinema que "também com duas bandas de informação, não pode ser negado como um meio muito dado à imaginação". Serva, Leão. *Babel. A mídia antes do dilúvio e nos últimos tempos*. São Paulo, Mandarim, 1997. p. 67.

¹⁵ O inglês Herbert George Wells (1866-1946) é o autor do romance *A Guerra dos Mundos*. A obra foi adaptada pelo roteirista Howard Koch e narrada por Orson Welles (1915-1985). A apresentação de *A Guerra dos Mundos* pela CBS - Columbia Broadcasting System, na noite de 30 de outubro de 1938, foi captada por pelo menos seis milhões de ouvintes. Na época, os Estados Unidos contavam com cerca de 200 aparelhos receptores por mil habitantes. Duval, Adriana Ruschel. "O profeta no ar: a figura do locutor em *A Guerra dos Mundos*". In: Meditsch, Eduardo (Org.) *Rádio e Pânico. A Guerra dos Mundos, 60 anos depois*. Florianópolis, Insular, 1998. p. 37

¹⁶ McLuhan, Marshall. *Rádio. "O tambor tribal"*. In: McLuhan, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem. Understanding Media*. São Paulo, Cultrix, 1974. p. 337.





Mais do que comparar o potencial de geração de imagens desenvolvido pelo meio rádio com outros meios de comunicação, nesse momento nos interessa lembrar que uma das características do espírito do nosso tempo é o excesso de imagens visuais. Quando nosso imaginário é estimulado até a exaustão por imagens visuais e não conseguimos acompanhar a acelerada aparição e desaparecimento de imagens e coisas, experimentamos o que Dietmar Kamper chama de hipertrofia da visão.

Para modificar essa situação, Kamper mostrou que "uma nova época de audição está anunciada"¹⁷. Isso implica, segundo Baitello¹⁸, que podemos reduzir a coerção a que estamos submetidos: enxergar o tempo todo. Podemos redescobrir a importância do tempo da audição, do fluxo lento das histórias ou narrativas tão exploradas ontem e hoje pelo meio rádio, do fluxo lento do bate-papo, do jogar conversa fora e do diálogo.

Esse pulsar implica tanto as fofocas que marcam as relações dentro de uma pequena comunidade, como as amplas relações que acontecem no contexto glocal. Sobre as fofocas encontramos um interessante estudo de Norbert Elias que, em sua obra *Os Estabelecidos e os Outsiders*¹⁹, observa que a fofoca depreciativa é inseparável da fofoca elogiosa, percebe que o fluxo constante de mexericos ajuda a manter uma comunidade em funcionamento. Sobre o contexto glocal constatamos, como Paul Virilio e Eugênio Trivinho, a interação entre a ascensão da globalização econômico-financeira das

¹⁷ Kamper, Dietmar. "O padecimento dos olhos". In: Castro, G.; Carvalho, Edgard e Almeida, Maria da Conceição (Org.). *Ensaio de Complexidade*. Porto Alegre, Sulina, 1997. p. 131- 137.

¹⁸ Conferir Baitello Jr, Norval. "A cultura do ouvir". In: Zaremba, Lilian e Bentes, Ivana. *Rádio Nova: constelações da radiofonia contemporânea 3*. Rio de Janeiro, UFRJ-ECO / Publique, 1999. p. 52 - 69.

¹⁹ Conferir "Observações sobre a fofoca". In: Elias, Norbert. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000. p. 121-133.





sociedades e a explosão dos localismos político-culturais. Tanto nas fofocas locais como nas ondas eletromagnéticas que nos colocam no contexto glocal, encontramos a força do som que vibra.

Nessa altura, relembramos a insistência de Harry Pross em enfatizar que toda comunicação começa e termina no corpo, isto é, implica em relações entre corpos. Nessa linha, a cultura do ouvir pode ser percebida tanto nas relações diretas entre dois corpos, presente no pulsar do coração materno e nas conversas do cotidiano, como no pulsar das ondas do rádio.

Máquinas infernais. Saltos, frestas e nexos.

Harry Pross nos lembra, em sua autobiografia, que o período no qual nascemos marca as nossas vidas. Um tiro no braço, quando Pross servia o exército alemão no front russo, fez com que ele deixasse o exército e se tornasse comunicador e pesquisador da comunicação. Lembrando que podemos ficar sufocados na rede de vínculos na qual nascemos, aposta que devemos cultivar o livre-arbítrio. Decidir, saltar dialogando com nossos vínculos e gerando outros. Assim, na rede de vínculos dispomos de força para abrir novas frestas e nexos.

As Ciências da Comunicação nasceram, durante o século XX, no contexto de pesquisas que respondiam a desafios bélicos e comerciais. Atualmente, no espaço da Semiótica da Cultura e da Teoria da Mídia, também estamos atentos às raízes biológicas e culturais da comunicação. De acordo com Thomas Bauer, da Universidade de Viena²⁰, percebemos

²⁰ Thomas Bauer proferiu a palestra Cultural Turn in Communication Studies. Perspectives, implications and consequences, na PUC/SP, no dia 19 de setembro de 2002. Texto, em alemão, disponível no site do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, CISC





que não podemos ter uma ciência da comunicação sem uma ciência da cultura e também não podemos construir uma ciência da cultura sem uma ciência da comunicação. A comunicação é um processo cultural que não pode ser reduzido a teorias simplificadoras ou lineares, pois envolve a observação de processos vinculadores.

Nesse sentido, a importância do meio rádio na sincronização da vida em sociedade, na articulação da memória com o presente e o futuro, pode ser melhor estudada quando consideramos as ciências da comunicação numa perspectiva vinculadora, cultural, processual, complexa e probabilística.

Percebemos, em plena época da extrema visibilidade, que o espírito do nosso tempo também aponta para uma cultura do ouvir tanto nas relações diretas entre os corpos, como no pulsar, por exemplo, das ondas do rádio.

As mídias sonoras, que abordamos como máquinas infernais, nos desafiam a continuar buscando os nexos entre o rádio, a memória e a cidade²¹.

²¹ Texto elaborado para o Primeiro Encontro Nacional do CISC - Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (19 e 20 de setembro de 2002). A pesquisa, realizada com o apoio do CIP - Centro Interdisciplinar de Pesquisas da Faculdade Cásper Líbero, integra projeto de doutorado em desenvolvimento na ECA - USP





BAITELLO JR., Norval, (1997) *O Animal Que Parou Os Relógios* São Paulo: Annablume

BAITELLO JR., Norval, (1998) *Comunicação, Mídia E Cultura* São Paulo: Seade. Rev. São Paulo Em Perspectiva, 12 (4), 1998.

BAITELLO JR., Norval, (1999) "A Cultura do Ouvir". In: Zaremba, Lilian (Org). *Rádio Nova: Constelações na Radiofonia Contemporânea 3* Rio de Janeiro: UFRJ -Publique.

BAUER, Thomas, (2002) *Conferência: Cultural Turn In Communication Studies. Perspectives, Implications And Consequences.* São Paulo: [Www.cisc.org.br/biblioteca](http://www.cisc.org.br/biblioteca)

BRANDÃO, Junito De Souza, (1991) *Mitologia Grega I* Petrópolis: Vozes

CONTRERA, Malena Segura, (2002) *Mídia E Pânico. Saturação Da Informação, Violência E Crise Cultural Na Mídia* São Paulo: Annablume

DUVAL, Adriana Ruschel, (1998) *O Profeta No Ar: A Figura Do Locutor Em A Guerra Dos Mundos.* In: Meditsch, Eduardo (Org). *Rádio E Pânico. A Guerra Dos Mundos, 60 Anos Depois.* Florianópolis: Insular

ELIAS, Norbert, (2000) *Os Estabelecidos E Os Outsiders. Sociologia Da Relações De Poder A Partir De Uma Pequena Comunidade* Rio De Janeiro: Jorge Zahar

KAMPER, Dietmar, (1997) *O Padecimento Dos Olhos.* In: Castro, G.; Carvalho, Edgard E Almeida, Maria Da Conceição (Org). *Ensaio De Complexidade* Porto Alegre: Sulina

KAMPER, Dietmar, (2000) *Conferência: O Tempo Como Repetição Paradoxal.* Apud: Serva, Leão. *Jornalismo E Desinformação* São Paulo: Senac





MCLUHAN, Marshall, (1974) *Os Meios De Comunicação Como Extensões Do Homem. Understanding Media* São Paulo: Cultrix

MEDITSCH, Eduardo, (1998) *Rádio E Pânico. A Guerra Dos Mundos, 60 Anos Depois* Florianópolis: Insular

MENEZES, José Eugenio De Oliveira, (2002) *Comunicação Como Ciência Da Cultura. In: Rev. Communicare. CIP. Fac. Cásper Líbero. Volume 2, Número 1, Primeiro Semestre.* São Paulo: Paulus

MONTAGU, Ahsley, (1998) *Tocar. O Significado Humano Da Pele* São Paulo: Summus

OLIVEIRA, Maria Do Carmo, (1995) *A Comunicação Do Recém-nascido De 0 A 5 Horas: A Respiração. Dissertação De Mestrado.* São Paulo: PUC/SP

PROSS, Harry, (2000) *Atrapados En La Red Mediática. Orientación En La Diversidad* Hondarribia: Argitaletxe Hiru

ROMANO, Vicente, (1993) *Desarrollo Y Progreso. Por Una Ecología De La Comunicación* Barcelona: Teide

SERVA, Leão, (1997) *Babel. A Mídia Antes Do Dilúvio E Nos Últimos Tempos* São Paulo: Mandarin

SERVA, Leão, (2001) *Jornalismo E Desinformação* São Paulo: Senac

TAVARES, Reynaldo C., (1999) *Histórias Que O Rádio Não Contou* São Paulo: Harbra





TRIVINHO, Eugênio, (2001) *Glocal - Para Uma Renovação Da Crítica Da Civilização Mediática*. In: *Silva, Dinorá E Fragoso, Suely (Org). Comunicação Na Cibercultura*. São Leopoldo: Unisinos

VIRILIO, Paul, (1993) *Inércia Polar* Lisboa: Dom Quixote

ZAREMBA, Lilian, (1999) *Rádio Nova: Constelações Da Radiofonia Contemporânea 3*. Rio De Janeiro: UFRJ - Publique

